

33B. RESSURREIÇÃO: EVENTO HISTÓRICO E TRANSCENDENTE

638-647



INTRODUÇÃO

O Apóstolo Paulo anuncia a ressurreição de Jesus Cristo como verdade sumamente significativa para a nossa fé: “Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa fé”. De fato, juntamente com cruz, a ressurreição é parte essencial do mistério pascal (cf. 638).

A vida cristã não se baseia na ausência de um cadáver. Mesmo que a constatação do sepulcro vazio seja um sinal essencial da ressurreição, a nossa fé está fundada no testemunho dos apóstolos que constataram que a ausência do corpo de Jesus e que se encontram pessoalmente com o Ressuscitado. A ressurreição de Jesus é um evento histórico constatável no sinal do túmulo vazio (640) e na realidade das aparições aos discípulos (641-644).

Jesus não foi reanimado, nem regressou à vida que tinha, nem sobrevive apenas na nossa lembrança. Ele está vivo realmente, ressuscitou e está sempre presente; está presente também em sua humanidade assumida na encarnação (645-646).

A ressurreição não é um evento histórico entre outros. É também um evento que supera e transcende a história (647).

TEXTO 638-647

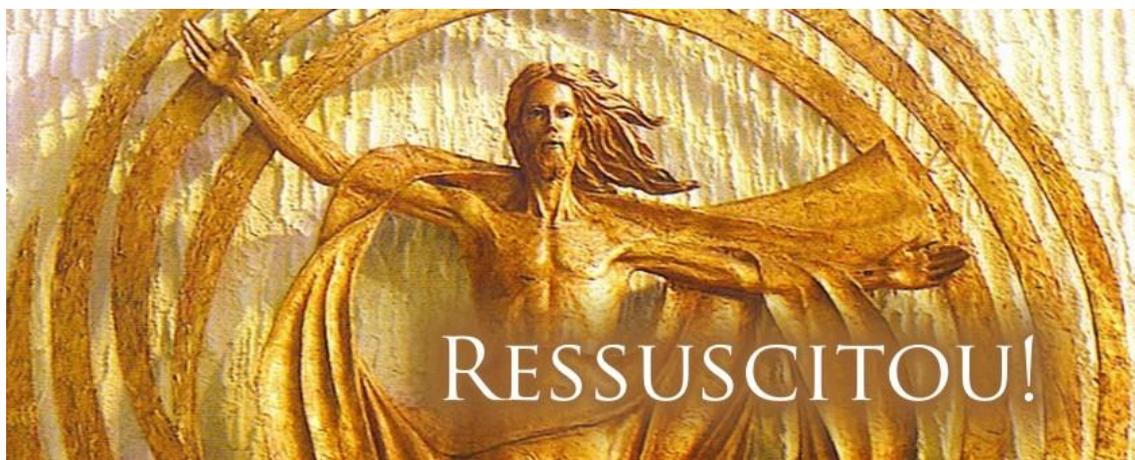


PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS

ARTIGO 5: JESUS CRISTO DESCEU AOS INFERNOS, RESSUSCITOU DOS MORTOS NO TERCEIRO DIA



PARÁGRAFO 2: NO TERCEIRO DIA RESSUSCITOU DOS MORTOS

638. “Anunciamo esta Boa Nova: a promessa, feita a nossos pais, Deus a realizou plenamente para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus” (At 13,32-33). A Ressurreição de Jesus é a verdade culminante de nossa fé em Cristo, crida e vivida como verdade central pela primeira comunidade cristã, transmitida como fundamental pela Tradição, estabelecida pelos documentos do Novo Testamento, pregada, juntamente com a Cruz, como parte essencial do Mistério Pascal.

Cristo ressuscitou dos mortos.

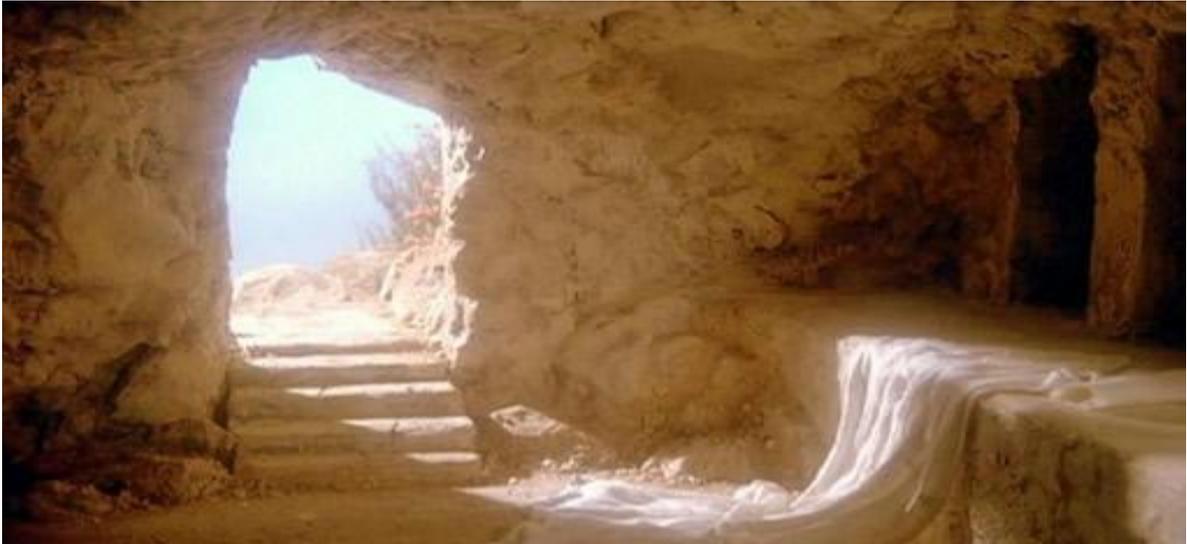
Por sua morte venceu a morte,

Aos mortos deu a vida.

Parágrafos relacionados: 90, 651, 991.

I. O evento histórico e transcendente

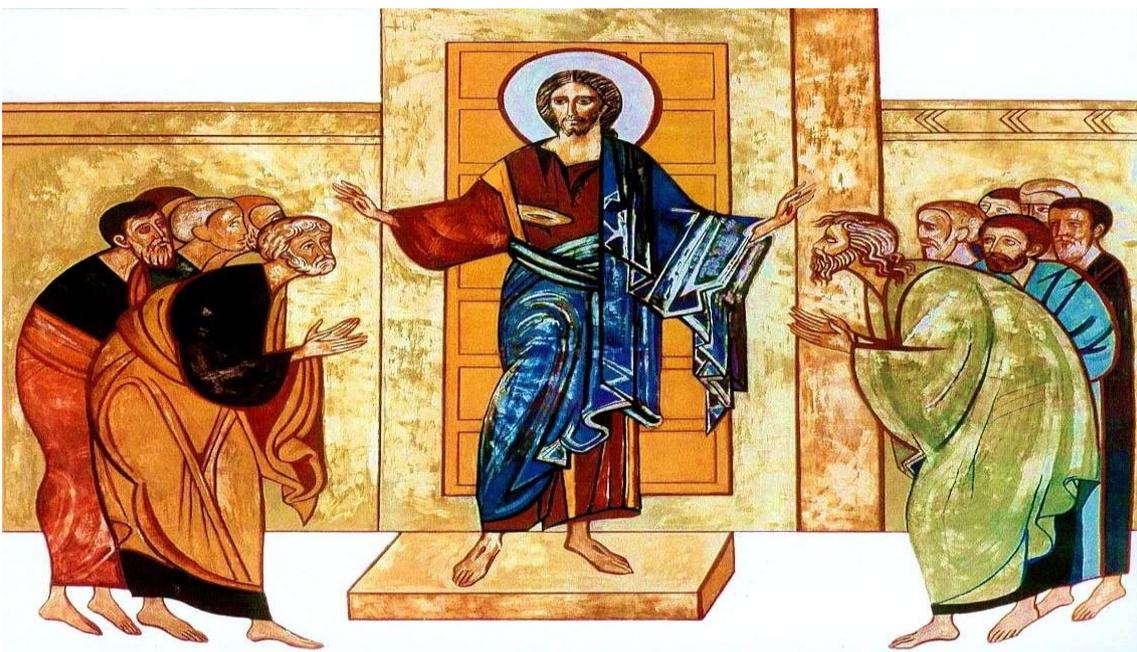
639. O mistério da Ressurreição de Cristo é um acontecimento real que teve manifestações historicamente constatadas, como atesta o Novo Testamento. Já São Paulo escrevia aos Coríntios pelo ano de 56: "Eu vos transmi... o que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e depois aos Doze" (1Cor 15,3-4). O apóstolo fala aqui da viva tradição da Ressurreição, que ficou conhecendo após sua conversão às portas de Damasco.



O túmulo vazio

640. “Por que procurais entre os mortos Aquele que vive? Ele não está aqui; ressuscitou” (Lc 24,5-6). No quadro dos acontecimentos da Páscoa, o primeiro elemento com que se depara é o sepulcro vazio. Ele não constitui em si uma prova direta. A ausência do corpo de Cristo no túmulo poderia explicar-se de outra forma. Apesar disso, o sepulcro vazio constitui para todos um sinal essencial. Sua descoberta pelos discípulos foi o primeiro passo para o reconhecimento do próprio fato da Ressurreição. Este é o caso das santas mulheres, em primeiro lugar, em seguida de Pedro. “O discípulo que Jesus amava” (Jo 20,2) afirma que, ao entrar no túmulo vazio e ao descobrir “os panos de linho no chão” (Jo 20,6), “viu e creu”. Isto supõe que ele tenha constatado, pelo estado do sepulcro vazio, que a ausência do corpo de Jesus não poderia ser obra humana e que Jesus não havia simplesmente retomado a Vida terrestre, como tinha sido o caso de Lázaro.

Parágrafo relacionado: 999.



As aparições do ressuscitado

641. Maria de Mágdala e as santas mulheres, que Vinham terminar de embalsamar o corpo de Jesus, sepultado às pressas, devido à chegada do Sábado, na tarde da Sexta-feira Santa, foram as primeiras a encontrar o Ressuscitado. Assim, as mulheres foram as primeiras mensageiras da Ressurreição de Cristo para os próprios apóstolos. Foi a eles que Jesus apareceu em seguida, primeiro a Pedro, depois aos Doze. Pedro, chamado a confirmar a fé de seus irmãos, vê portanto, o Ressuscitado antes deles, e é baseada no testemunho dele que a comunidade exclama: “E verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” (Lc 24,34).

642. Tudo o que aconteceu nesses dias pascais convoca todos os apóstolos, de modo particular Pedro, para a construção da era nova que começou na manhã de Páscoa. Como testemunhas do Ressuscitado, são eles as pedras de fundação de sua Igreja. A fé da primeira comunidade dos crentes tem por fundamento o testemunho de homens concretos, conhecidos dos cristãos e, na maioria dos casos, vivendo ainda entre eles. Estas "testemunhas da Ressurreição de Cristo" são, antes de tudo, Pedro e os Doze, mas não somente eles: Paulo fala claramente de mais de quinhentas pessoas às quais Jesus apareceu de uma só vez, além de Tiago e de todos os apóstolos.



Parágrafos relacionados: 659, 881, 860.

643. Diante desses testemunhos é impossível interpretar a Ressurreição de Cristo fora da ordem física e não reconhecê-la como um fato histórico. Os fatos mostram que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e morte na cruz de seu Mestre, anunciada antecipadamente por Ele. O abalo provocado pela Paixão foi tão grande que os discípulos (pelo menos alguns deles) não creram de imediato na notícia da ressurreição. Longe de nos falar de uma comunidade tomada de exaltação mística, os Evangelhos nos apresentam discípulos abatidos, “com o rosto sombrio” (Lc 24,17) e assustados. Por isso não acreditaram nas santas mulheres que voltavam do sepulcro, e “as palavras delas pareceram-lhes desvario” (Lc 24,11). Quando Jesus se manifesta aos onze na tarde da Páscoa, “censura-lhes a incredulidade e a dureza de coração, porque não haviam dado crédito aos que tinham visto o Ressuscitado” (Mc 16,14).

644. Mesmo confrontados com a realidade de Jesus ressuscitado, os discípulos ainda duvidam, a tal ponto que o fato lhes parece impossível: pensam estar vendo um espírito. “Por causa da alegria, não podiam acreditar ainda e permaneciam perplexos” (Lc 24,41). Tomé conhecerá a mesma provação da dúvida e quando da última aparição na Galiléia, contada por Mateus, “alguns, porém, duvidaram” (Mt 28,17). Por isso, a hipótese segundo a qual a ressurreição teria sido um “produto” da fé (ou da credulidade) dos apóstolos carece de consistência. Muito pelo contrário, a fé que tinham na Ressurreição nasceu – sob a ação da graça divina – da experiência direta da realidade de Jesus ressuscitado.

O estado da humanidade ressuscitada de Cristo

645. Jesus ressuscitado estabelece com seus discípulos relações diretas, em que estes o apalpm e com Ele comem. Convida-os, com isso, a reconhecer que Ele não é um espírito, mas sobretudo a constatar que o corpo ressuscitado com o qual Ele se apresenta a eles é o mesmo que foi martirizado e crucificado, pois ainda traz as marcas de sua Paixão. Contudo, este corpo autêntico e real possui, ao mesmo tempo, as propriedades novas de um corpo glorioso: não está mais situado no espaço e no tempo, mas pode tornar-se presente a seu modo, onde e quando quiser, pois sua humanidade não pode mais ficar presa à terra, mas já pertence exclusivamente ao domínio divino do Pai. Por esta razão também Jesus ressuscitado é soberanamente livre de aparecer como quiser: sob a aparência de um jardineiro ou “de outra forma” (Mc 16,12), diferente das que eram familiares aos discípulos, e isto precisamente para suscitar-lhes a fé.

Parágrafo relacionado: 999.

646. A Ressurreição de Cristo não constituiu uma volta à vida terrestre, como foi o caso das ressurreições que Ele havia realizado antes da Páscoa: a filha de Jairo, o jovem de Naim e Lázaro. Tais fatos eram acontecimentos miraculosos, mas as pessoas contempladas pelos milagres voltavam simplesmente à vida terrestre “ordinária” pelo poder de Jesus. Em determinado momento, voltariam a morrer. A Ressurreição de Cristo é essencialmente diferente. Em seu corpo ressuscitado, Ele passa de um estado de morte para outra vida, para além do tempo e do espaço. Na Ressurreição, o corpo de Jesus é repleto do poder do Espírito Santo; participa da vida divina no estado de sua glória, de modo que Paulo pode chamar a Cristo de “o homem celeste”.

Parágrafos relacionados: 934, 549.

A ressurreição como acontecimento transcendente

647. “Só tu, noite feliz” – canta o Exsultet da Páscoa – “soubeste a hora em que Cristo da morte ressurgia”. Com efeito ninguém foi testemunha ocular do próprio acontecimento da Ressurreição, e nenhum Evangelista o descreve. Ninguém foi capaz de dizer como ela se produziu fisicamente. Muito menos sua essência mais íntima, sua passagem a outra vida, foi perceptível aos sentidos. Como evento histórico constatável pelo sinal do sepulcro vazio e pela realidade dos encontros dos apóstolos com Cristo ressuscitado, a Ressurreição nem por isso deixa de estar no cerne do mistério da fé, no que ela transcende e supera a história. E por isso que Cristo ressuscitado não se manifesta ao mundo mas a seus discípulos, “aos que haviam subido com ele da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora suas testemunhas diante do povo” (At 13,31).

Parágrafo relacionado: 1000.



Revisando temas

A ressurreição de Cristo e a nossa

O Catecismo da Igreja Católica, partindo do testemunho do Novo Testamento, afirma que a ressurreição não é fruto da alucinação ou uma piedosa invenção dos Apóstolos, mas que é um fato real (cf. 643).

1. A ressurreição é um fato que se refere a Cristo. Não é somente a Sua mensagem que ressurge na pregação dos Apóstolos, nem é somente a Sua causa que continua na luta dos Seus discípulos. É a Sua pessoa que está presente e atuante realmente no aqui e no agora da história.

Portanto não é correto pensar que seja a fé dos discípulos a ressuscitar e a manter viva a causa de Jesus. Ao contrário, é o Ressuscitado que conduz os discípulos à fé na ressurreição e ao seu testemunho até o sangue. Não é o Mestre que vive graças à luta e ao idealismo dos Seus discípulos; são eles que vivem dEle, porque está vivo, presente e atuante. A mensagem da ressurreição é, de fato, testemunho de fé. Mas a ressurreição não é produto desse testemunho.

2. Cristo ressuscita em toda a sua realidade pessoal. Não é somente a sua alma que vive. A ressurreição de Cristo é também corpórea.

“Por que estais perturbados, e por que essas dúvidas nos vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés, sou eu mesmo; apalpai e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que tenho” (Lc 24,39). A insistência dos relatos das aparições na realidade corporal de Jesus sublinha que a ressurreição não é a diminuição, mas a plenitude da vida. Nesse sentido, a ressurreição não é absolutamente a libertação da corporeidade. Pelo contrario, Jesus ressurge **com** e **na** corporeidade. Com efeito, Ele está à direita do Pai, ou seja, no ressuscitado um fragmento de nosso mundo chegou definitivamente a Deus e foi definitivamente acolhido por Ele.

3. Nesse mesmo sentido, o túmulo vazio é significativo: a ressurreição de Cristo não é uma realidade puramente espiritual, mas tem referência também ao corpo, à realidade histórica e material. A vitória de Cristo sobre a morte não é portanto uma libertação ou uma fuga do mundo e da história, mas um estar presente neles de maneira nova. Com efeito, Jesus Cristo, também em sua humanidade assumida na encarnação, está “sentado à direita do Pai”. E exatamente em sua humanidade glorificada, Cristo permanece unido ao mundo e a nós. De fato, Ele ascende ao céu “não para se afastar de nossa humildade, mas para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade” (prefácio da Ascensão do Senhor I).

4. A ressurreição não significa um retorno de Jesus à sua vida terrena ordinária. Ela não é como a de Lázaro. No NT, essa verdade se exprime no fato de que o Senhor Ressuscitado é reconhecido e, ao mesmo tempo, não é imediatamente reconhecido; Ele pode ser tocado, come diante dos discípulos e, todavia, se subtrai a uma verificação unicamente empírica; seu corpo traz as marcas da paixão, os discípulos podem tocá-lo e, simultaneamente, não é impedido pelas portas trancadas e pode se apresentar em vários lugares ao mesmo tempo (os discípulos de Emaús caminharam o dia todo com Jesus e ao retornarem a Jerusalém ouviram o testemunho de que tinha aparecido a Pedro. Cf. Lc 24, 13-34).

5. Além de não ser um retorno à vida terrena, a ressurreição de Jesus tampouco é uma continuação dessa vida. Ele retoma a vida, mas se trata da vida nova, definitiva, própria de Deus.

6. A ressurreição de Cristo é princípio e modelo de nossa ressurreição, por isso a esperança cristã é esperança para a realidade total da vida humana. A promessa de vida feita por Deus ao homem não pode ser entendida somente em termos unilateralmente espiritualistas. Isso seria um empobrecimento indevido da promessa divina revelada e realizada na ressurreição de Cristo. Com efeito, o cristão crê na “ressurreição da carne e na vida eterna”. A nossa história é assinalada definitivamente pela ressurreição de Cristo.

